

O PODER DA IDEOLOGIA

ISTVÁN MÉSZÁROS

EDITORA



ensaio

MOVIMENTO

A NECESSIDADE DA IDEOLOGIA

Certa vez, um valoroso companheiro supôs que os homens só se afogavam por estarem imbuídos da *idéia da gravidade*. Se tirassem essa idéia da cabeça, considerando-a, por exemplo, como um conceito supersticioso ou religioso, estariam perfeitamente imunes a qualquer perigo de afogamento. Toda a sua vida ele lutou contra a *ilusão da gravidade*, de cujas conseqüências perniciosas a estatística lhe trazia novas e diversas evidências. Este valoroso companheiro foi o protótipo dos novos filósofos revolucionários da Alemanha.

Marx

CONSERVADOR

calmo, contido, discreto, dominado, elegante, inconspícuo, obscuro, simples; circunspecto, espartano, frugal, parcimonioso, parco, prudente; afastado, ponderado, reservado.

LIBERAL

aberto, avançado, despreconceituoso, indulgente, progressista, radical, tolerante; beneficente, generoso, magnânimo, mão-aberta, pródigo; abundante, amplo, bastante, copioso, excessivo, exuberante, generoso, profuso, repleto, rico, transbordante.

REVOLUCIONÁRIO

enfurecido, extremista, extremo, fanático, radical, ultra.

"Word Finder" Thesaurus,
do difundido programa WordStar.

O que poderia ser mais objetivo que um dicionário? Na verdade, o que *seria* mais objetivo e "isento de ideologia" que um dicionário, mesmo em se tratando de um dicionário de sinônimos? Assim como os painéis de horário das ferrovias, supõe-se que os dicionários forneçam uma informação factual exata a fim de cumprir a função que lhes é geralmente atribuída, em lugar de levar o passageiro desavisado para uma viagem em direção diametralmente oposta ao seu destino.

Mas, como podemos observar na página anterior, o "Word Finder" Thesaurus de um dos mais populares programas de processamento de texto, o *WordStar Professional*¹, muito generosamente nos oferece uma variedade surpreendente de características positivas para as palavras "conservador" e "liberal"; de tal forma, na verdade, que se começa a imaginar se os adjetivos "heróico" e "santo" não teriam sido omitidos por descuido. Ao mesmo tempo, o "revolucionário" recebe uma definição extremamente sumária - que o qualifica apenas como digno da atenção do poder judiciário e das autoridades penais - ao ser caracterizado como "enfurecido, extremista, extremo, fanático, radical, ultra". É isso que obtemos quando as tão proclamadas regras de "objetividade" são aplicadas a um lado do espectro político, em contraposição ao outro, mesmo em uma tarefa tão direta e "isenta de ideologia" quanto a compilação de um dicionário de sinônimos.

Tudo isso pode surpreender a muitos. Todavia, a pura verdade é que em nossas sociedades tudo está "impregnado de ideologia", quer a percebamos, quer não. Além disso, em nossa cultura liberal-conservadora o sistema ideológico socialmente estabelecido e dominante funciona de maneira a apresentar suas próprias regras de seletividade, tendenciosidade, discriminação e até distorção sistemática como "normalidade", "objetividade" e "imparcialidade científica".

Nas sociedades capitalistas liberal-conservadoras do ocidente, o discurso ideológico domina a tal ponto a determinação de todos os valores que muito freqüentemente não temos a mais leve suspeita de sermos levados a aceitar, absolutamente sem questionamento, um determinado conjunto de valores a que se poderia opor uma perspectiva alternativa muito bem fundamentada, juntamente com as conseqüências práticas que nele

1. O "Word Finder" - um léxico eletrônico fabricado por Microlytics, Inc., de East Rochester, Nova York - está anexado à Versão 4 do grande sucesso de vendas "WordStar Professional", da MicroPro. Pode ser utilizado também com outros programas de processamento de texto.

se encontram mais ou menos implícitas. O simples ato de penetrar na estrutura do discurso ideológico dominante inevitavelmente nos impõe as seguintes determinações "racionais" preestabelecidas: (a) o quanto (ou quão pouco) se pode considerar questionável; (b) de que ponto de vista; e (c) com que finalidade.

Naturalmente, aqueles que aceitam tacitamente a ideologia dominante como a estrutura objetiva do discurso "racional" e do "erudito" rejeitam como ilegítimas todas as tentativas de identificar as suposições ocultas e os valores implícitos com que está comprometida a ordem dominante. Assim, em nome da "objetividade" e da "ciência", têm de desqualificar o uso de algumas categorias essenciais do pensamento crítico. Reconhecer a legitimidade de tais categorias significaria consentir no exame das próprias suposições aceitas como verdadeiras, em conjunto com as conclusões convenientes que podem ser - e efetivamente o são - delas extraídas.

Um bom exemplo disso nos é oferecido por um professor de Oxford que, em um artigo sobre a exploração econômica na África, afirma: "Exploração, como imperialismo, não é palavra para estudiosos sérios, porque seu significado há muito tempo vem sendo embaralhado por conceitos ideológicos"².

Harry Magdoff comenta com razão: "Os 'scholars' em geral não têm problemas com palavras dotadas de forte carga emocional - como, por exemplo, assassinato, rapto ou sífilis -, mesmo quando os costumes vigentes desaprovam tal uso na sociedade educada. É muito significativo que, com o passar dos anos, apenas uma certa classe de palavras tenha conseguido enfurecer os 'scholars'. Assim, não só 'imperialismo' e 'exploração imperialista', como também um termo tão importante do léxico socioeconômico como 'capitalismo', são tratados pelos acadêmicos com extrema cautela"³.

Uma vez que conceitos como "exploração" e "imperialismo" são banidos de qualquer discussão séria sobre o relacionamento entre as sociedades capitalistas avançadas "industriais modernas" e "pós-industriais" e os países economicamente dependentes do "terceiro mundo", os "scholars" do consenso ideológico autocomplacente podem andar em círculos e deduzir do conjunto de categorias admissíveis tudo aquilo que for conveniente à ordem dominante e a sua ideologia oculta. Ao mesmo tempo, o benefício adicional dessa abordagem é que não há necessidade de se prestar a menor atenção aos argumentos do adversário crítico, por mais fortes que sejam as evidências teóricas e empíricas que ele tenha do seu lado. Ele

2. Citado por Harry MAGDOFF em seu livro *Imperialism: From the Colonial Age to the Present*, Nova York, Monthly Review Press, 1978, p. 148. O acadêmico de que se trata é David K. Fieldhouse, que na época era titular da cadeira Beit de História da Comunidade Britânica na Universidade de Oxford.

3. MAGDOFF, *ib.*, pp. 148-9.

pode ser peremptoriamente desconsiderado em virtude do dispassivo rotulador que exclui suas categorias, arrolando-as como "conceitos ideológicos confusos" em nome da dita "objetividade dos scholars", cujos critérios são, mais uma vez, circularmente presumidos como padrões de avaliação evidentes por si mesmos.

1.1.2.

A ideologia dominante do sistema social estabelecido se afirma violentamente em todos os níveis, do mais grosseiro ao mais refinado. De fato, os vários níveis do discurso ideológico se intercomunicam de várias maneiras. Podemos reordar neste contexto que alguns dos mais célebres intelectuais do pós-guerra declararam em seus livros e estudos acadêmicos que a distinção "antiquada" entre esquerda e direita políticas não fazia sentido nenhum em nossas sociedades "avançadas". Sabe-se muito bem que essa idéia tem sido avidamente acolhida pelos manipuladores da opinião pública e amplamente difundida com o auxílio de nossas instituições culturais, a serviço de determinados interesses e valores ideológicos. Graças a tal comunicação entre o "sofisticado" e o "vulgar", tornou-se comum chamar os representantes da direita de "moderados", enquanto aqueles da esquerda eram designados como "extremistas", "fanáticos", "dogmáticos" e coisas similares.

Compreensivelmente, a ideologia dominante tem uma capacidade muito maior de estipular aquilo que pode ser considerado como critério legítimo de avaliação do conflito, na medida em que controla efetivamente as instituições culturais e políticas da sociedade. Pode usar e abusar abertamente da linguagem, pois o perigo de ser publicamente desmascarada é irrelevante, tanto devido à relação de forças prevalecente quanto aos dois pesos e duas medidas que se aplicam às questões debatidas pelos defensores da ordem estabelecida.

Tomando-se apenas um exemplo recente, o governo britânico decidiu obrigar os jovens desempregados a se integrar a um de seus esquemas de treinamento de "Oportunidades para a Juventude" - que na realidade proporciona muito pouco treinamento, se é que proporciona algum, mas tem o propósito primordial de "maquiar" os dados de desemprego -, privando-os de seu único meio de vida, os benefícios do seguro social a que têm direito por lei. Quando a questão foi discutida publicamente, o porta-voz do governo declarou com "a cara mais séria do mundo" que absolutamente não se tratava de "forçar"

ninguém; eles só desejavam "encorajar" os jovens desempregados a aproveitar as "oportunidades" a eles oferecidas. (Assim como declararam que a supressão de alguns programas da BBC - e até de alguns livros - nada tinha a ver com *censura*, mas apenas com "o dever de sigilo do governo".) A questão sobre o porquê de uma lei tão dura ter sido escolhida para o pretenso "estímulo à educação" da juventude ficou, é claro, sem resposta. Quanto aos dois pesos e duas medidas usados pela mesma sociedade, não é muito difícil imaginar como o poder judiciário reagiria se alguns jovens que, pela nova lei, foram privados de seu meio de vida recorressem ao crime e tentassem justificar o ataque às vítimas argumentando que não "forçaram" ninguém, mas meramente "encorajaram" as pessoas a entregar seu dinheiro ou seus pertences.

A existência de dois pesos e duas medidas, motivados pela ideologia e viciosamente tendenciosos, é evidente em toda parte; mesmo entre aqueles que se sentem orgulhosos em proclamar-se representantes da "prosperidade na vida". Difícilmente poderia ser de outro modo. A ordem dominante necessita aplicar para si mesma critérios radicalmente diferentes dos aplicados àqueles que devem ser mantidos em posição de subordinação. Assim, os defensores intelectuais do *status quo* e guardiães "neutros" de sua ortodoxia ideológica podem apresentar suas confiantes declarações de fé em suas próprias idéias, ao lado de ataques violentos a seus adversários, como um "conhecimento científico" indiscutível, sem se darem ao trabalho de apresentar, em favor de suas declarações, a menor comprovação extraída das teorias rejeitadas.

Nesse espírito, John Maynard Keynes pôde escrever sobre Marx do modo mais injurioso, em meio a uma aprovação entusiástica, utilizando insultos como "provas" contrárias a seu odiado alvo e favoráveis a suas próprias opiniões. Eis seu "argumento": "Como posso aceitar uma doutrina que estabelece como sua bíblia, acima e além da crítica, um *manual econômico obsoleto* que reconheço não só como *cientificamente* errôneo, mas também *sem interesse ou aplicação para o mundo moderno?* Como adotar um credo que, *preferindo a lama ao peixe*, exalta o *proletariado rude* acima da burguesia e da *Intelligentsia* que, apesar de suas falhas, representam a *prosperidade* na vida e certamente levam consigo as sementes de todo o avanço humano? Mesmo que precisássemos de uma religião, como poderíamos encontrá-la no *refugo confuso das livrarias vermelhas?* É difícil que um *filho instruído, honrado e inteligente da Europa ocidental* encontre aí seus ideais, a menos que tenha primeiro sofrido um *estranho e terrível processo de conversão* que lhe tenha mudado todos os valores"⁴.

4. KEYNES, "A short view of Russia" (1925), republicado em *Essays in Persuasion*, Nova York, Norton & Co., 1963, p. 300.

Evidentemente, nunca ocorreu a Keynes que pudesse haver algo de errado ou problemático em relação aos valores exploratórios do "filho instruído, honrado, inteligente" - e cegamente autocomplacente - "da Europa ocidental". Argumentando a partir do sistema econômico estabelecido e no interesse desse mesmo sistema, parece ser suficiente àqueles que asseveram "levar consigo as sementes de todo o avanço humano" meramente decretar as palavras de sabedoria e a absoluta inalterabilidade dos valores que sustentam os poderes existentes.

Nem é necessário dizer que, se um intelectual socialista se comportasse do mesmo modo e se aventurasse a descrever as receitas keynesianas de manipulação monetária capitalista como "o refugio pseudocientífico das livrarias azuis", ele seria instantaneamente excomungado pelos "estudiosos sérios" e expulso do mundo acadêmico sem muita cerimônia. Mas Keynes - cuja ignorância da obra de Marx só é superada por seu senso ilimitado de superioridade em relação a todos aqueles que produzem tudo aquilo que a "prosperidade na vida" justamente própria para si - não somente pode dirigir tais invectivas pomposas e grosseiramente "não-sérias" contra seu objeto de ataque, como também, ao mesmo tempo, é aclamado como o grande exemplo de "objetividade científica" e a refutação final de Marx. Obviamente, o pensamento que identifica os próprios desejos com a realidade não conhece vergonha nem limites.

1.1.3.

Nas últimas décadas, os intelectuais evitaram admitir a essência classista de suas teorias e posturas ideológicas. Lançando um olhar à drástica mudança do mapa social do mundo ocorrida entre 1917 e 1949 - isto é, entre a eclosão da revolução russa e a vitória da revolução chinesa -, preferiram a presunção reconciliatória, negando não somente a existência dos fenômenos (outroa confessadamente controversos, mas agora felizmente suplantados) do "imperialismo", "exploração", "capitalismo" etc., mas até mesmo de "classes" e "conflitos de classe".

Keynes não utilizou tais estratégias ideológicas defensivas. Absolutamente convicto de que a ordem dominante manteria para sempre seu controle sobre tudo que na verdade importava, não hesitou em declarar com condescendente autoconfiança: "Quanto à *luta de classes* como tal, meu patriotismo local e pessoal, como os de todo mundo, exceto alguns desa-

gradáveis entusiastas, liga-se a meu próprio ambiente. Posso ser influenciado pelo que me parece ser justo e de bom senso; mas a guerra de classes vai me encontrar do lado da burguesia educada⁵.

Assim, de modo aberto e desafiador, Keynes assumiu em relação a tudo uma posição ideológica altamente sectária. Se agora considerarmos os princípios diretivos de sua teoria, que Keynes formula a partir de um ponto de vista ideológico tão firmemente estabelecido, descobriremos que, apesar de suas confiantes projeções de uma solução feliz para os problemas e dificuldades cuja existência ele é forçado a admitir sob o impacto da crise econômica mundial de 1929-33, sua concepção geral não nos conduz a absolutamente lugar algum. Keynes apresenta uma separação rígida e dogmática entre o avanço material-produtivo ("a solução do problema econômico", em sua terminologia) e a melhoria das condições da existência humana em todos os aspectos, conforme as potencialidades dos objetivos conscientemente adotados.

Para descrever o processo da reprodução produtiva, ele adota o ponto de vista mecânico "materialista vulgar" daquilo que ele próprio denomina "a máquina econômica"⁶, declarando com otimismo irrestrito que a ciência, a eficiência técnica e a acumulação de capital (e esta última graças ao "princípio do juro composto"⁷, e não à exploração nacional e internacional) estão a caminho de resolver, "gradualmente", é claro, "o problema econômico da humanidade". Um problema que, segundo Keynes, deveria ser considerado "uma questão para

5. KEYNES, "Am I a Liberal?" (1925), *Essays in Persuasion*, p. 324.

6. KEYNES, "The end of laissez-faire" (1926), *Essays in Persuasion*, p. 319.

7. Keynes apresenta uma racionalização quase inacreditável até da pilhagem colonial britânica, em termos de "juros compostos". Eis como defende a sua causa: "O valor dos investimentos britânicos no exterior atualmente é avaliado em cerca de ££ 4 bilhões. Isto nos proporciona uma renda à taxa de cerca de 6,5%. A metade disso trazemos para casa e desfrutamos; a outra metade, ou seja, 3,25%, deixamos acumular no estrangeiro a juros compostos. Algo assim vem ocorrendo há cerca de 250 anos. Faço remontar o início dos investimentos britânicos no exterior até o tesouro que Drake roubou da Espanha em 1580. [O que está muito certo, é claro, pois a Espanha o roubara das suas colônias.] /.../ A rainha Elizabeth viu-se com cerca de ££ 40.000 na mão. Ela as investiu na Levant Company - que prosperou. A East India Company foi fundada com os lucros da Levant Company; e os lucros desta grande empresa foram a base dos investimentos subsequentes da Inglaterra no exterior. Ocorre que essas ££ 40.000, acumulando-se a juros compostos de 3,25%, correspondem aproximadamente ao volume real dos investimentos da Inglaterra no exterior em várias datas, e realmente atingiram hoje o total de ££ 4 bilhões, que já citei como sendo o que representa nossos atuais investimentos no exterior. Assim, cada libra que Drake trouxe para casa, em 1580, corresponde agora a 100.000 libras. Este é o poder dos juros compostos". ("Economic possibilities for our grandchildren" (1930), *Essays in Persuasion*, pp. 361-2.) Lendo-se tais "argumentos" e as "provas" criadas para os apoiar, não se sabe bem se é o caso de rir diante de seu nível de penetração "científica" ou de chorar diante do fato de que algumas pessoas possam realmente levá-los a sério. A cegueira ideológica autoconfiante de um grande intelectual burguês dificilmente poderia encontrar uma forma de manifestação mais ruidosa.

especialistas, como a odontologia⁸. Se ainda temos problemas, como a "depressão mundial reinante" e a "anomalia do desemprego em um mundo repleto de carências"⁹, é apenas porque "Por enquanto, a própria rapidez dessas mudanças [em eficiência técnica] está nos ferindo e provocando problemas difíceis de solucionar. Os países que estão sofrendo relativamente mais são aqueles que não estão na vanguarda do progresso. Estamos sendo afligidos por uma nova doença [.../ isto é, o desemprego tecnológico [.../]. Mas esta é somente uma fase temporária de desajustamento. Tudo isso significa que, com o decorrer do tempo, a humanidade está solucionando seu problema econômico"¹⁰.

Como podemos ver, o sermão de fé ideológica não parece ter mudado muito, se é que mudou algo, em todos esses anos que nos separam da época em que foram escritas as linhas supracitadas. Supõe-se igualmente que o atual desemprego crescente não seja mais que uma "fase temporária de desajustamento" devido à "rapidez das mudanças na eficiência tecnológica", tudo em prol da boa causa de se permanecer na "vanguarda do progresso".

A diferença é que Keynes podia ainda prognosticar, com toda confiança - em 1930 -, que "o problema econômico da humanidade" seria resolvido dentro de cem anos nos "países progressistas"¹¹. Entretanto, através de suas restrições e definições, pode-se perceber que, para Keynes, o conceito de "humanidade" - declarada em vias de solucionar o problema econômico - se limita aos "países progressistas" e às "vanguardas do progresso" (seus codinomes para designar os países imperialistas dominantes). Isto, mais uma vez, confirma a total irrealidade de seu diagnóstico "científico".

Além disso, de acordo com o antigo postulado da economia política burguesa, segundo o qual a própria natureza se encarregara de implantar a "motivação das riquezas" em todos os seres humanos, Keynes declara que "é manifesto que fomos desenvolvidos pela natureza - com todos os nossos impulsos e instintos mais profundos - para solucionar o problema econômico. Se o problema econômico for resolvido, a humanidade estará privada de seu objetivo tradicional"¹². Não obstante, eis como ele descreve a mudança positiva que sucederá aos mesmos indivíduos, tidos como tão profundamente determinados pela própria natureza em seus mais íntimos "impulsos e instintos": "Quando a acumulação de riqueza não for mais de alta importância social, haverá grandes mudanças no código da moral

8. *ib.*, p. 373.

9. *ib.*, p. 359.

10. *ib.*, p. 364. "A humanidade está resolvendo seu problema econômico" foi posto em itálico por Keynes.

11. *ib.*

12. *ib.*, p. 366.

/.../. Então estaremos livres, afinal, para nos desfazermos de todos os costumes sociais e práticas econômicas que afetam a distribuição de riqueza e de recompensas e penalidades econômicas, que agora mantemos a todo custo, por mais desagradáveis e injustos que possam ser em si mesmos, por serem enormemente úteis na promoção da acumulação do capital /.../. Honraremos aqueles que podem nos ensinar a colher a hora e o dia com virtude e bondade, as pessoas encantadoras que são capazes de extrair um gozo direto das coisas, os lírios do campo que não trabalham nem fiam¹³.

Que tocante, que poético, que sedutor!

Visto mais de perto, no entanto, o discurso keynesiano sobre a miraculosa conversão daquele ser que, por instinto natural, é um ganhador-de-dinheiro - conversão que, segundo se prevê aí, deve ocorrer mais ou menos um século após 1930 - passa a ser uma opinião inteiramente gratuita. Sem qualquer base de apoio e, mais que isso, contra seus próprios argumentos sobre a força da "natureza" enunciados poucas linhas acima, Keynes contrapõe com cega arbitrariedade o mundo impotente do "dever ser" à realidade existente do "é", sublinhando sua polaridade através do abismo temporal que coloca entre eles.

De qualquer modo, a redenção quase-religiosa que Keynes propõe como real não é o verdadeiro propósito de seu discurso. Ele oferece o prêmio moral-religioso da "recompensa final" aos indivíduos - para quem a terra prometida está no mundo do além, pois em cem anos estarão todos mortos - com a condição de que troquem a busca por uma possível mudança radical num futuro não tão distante pelo seu *adiamento* para além de qualquer possível expectativa de vida, aceitando assim com santa resignação a ordem estabelecida das coisas. Dessa maneira, Keynes, imediatamente depois do trecho citado, leva-nos de volta à sua própria visão da realidade, muito prosaica e absolutamente mistificadora. Eis como prossegue seu *Ensaio sobre a Persuasão*, depois de elogiar os lírios do campo: "Mas cuidado! Ainda não chegou a hora. Durante pelo menos outros cem anos devemos fingir para nós mesmos e para todos os outros que o bom é ruim e o ruim é bom; pois o *ruim* é *útil* e o *bom* não é. A avareza, a usura e a cautela devem ser nossos deuses por algum tempo ainda. Somente elas podem nos fazer sair do túnel da *necessidade econômica* para a luz do dia"¹⁴.

Keynes desorienta seu público, fundindo (e confundindo) deliberadamente "*útil*" com *lucrativo* (o termo operativo real sob sua fraseologia diversiva). Está convicto (ou melhor, quer nos convencer) de que os problemas de "necessidade econômica" são problemas *técnicos*, a serem deixados a cargo dos "espe-

13. *ib.*, p. 369-70.

14. *ib.*, p. 372.

cialistas" em gerência da usura e odontologia econômica. Nesse espírito, Keynes insiste em que os especialistas "humildes mas competentes" por ele recomendados certamente não de nos fazer sair do "túnel da necessidade econômica" para nosso "destino de bem-aventurança econômica"¹⁵, contanto que incondicionalmente nos confiemos a eles - afinal, nenhum sofredor de dor de dentes, estando em seu juízo perfeito, questionaria a sensatez de se entregar à competência de dentistas especializados para o alívio de sua dor. Na verdade, Keynes está tão convencido da validade de sua visão "odontológica" do "problema econômico" que conclui seu ensaio com estas palavras: "Se os economistas conseguissem fazer com que os outros os vissem como pessoas despreziosas e competentes, no mesmo nível que os dentistas, isto seria esplêndido"¹⁶.

Mas, infelizmente, a apenas 42 anos do limite estabelecido pelo próprio Keynes para atingir nosso destino prometido de "bem-aventurança econômica", estamos hoje muito mais distantes do fim do túnel do que 58 anos atrás, apesar dos enormes avanços na produtividade realizados nessas décadas.

Isso ocorre porque, na realidade, o "problema econômico" de que Keynes fala não é de modo algum o da "necessidade econômica" - que, em sua opinião, seria automaticamente eliminado no devido tempo pela bem-aventurada "acumulação de riqueza" -, mas um problema essencialmente *social* (ou *socioeconômico*). Não há quantidade de riqueza acumulada que possa sequer *começar* a eliminar as restrições paralisantes das determinações socioeconômicas atualmente impostas se a crescente riqueza social é despejada (como ocorre hoje em dia) no poço sem fundo do complexo militar-industrial, assim como de outras variedades de dissipação de riqueza, em vez de satisfazer à necessidade humana.

Do mesmo modo, a despeito do tratamento autocondescendente que Keynes dá ao problema (e que, exatamente por esse motivo, é muito popular em nossa época), não existe um "*desemprego tecnológico*". O desemprego em massa - muito maior hoje que em 1930, quando Keynes nos prometeu "para breve" a luz do dia no final do túnel - poderia, em princípio, ser eliminado virtualmente *da noite para o dia*. Não mediante a milagrosa criação de novos empregos por obra de uma "terceira" ou "quarta revolução industrial", mas por uma estratégia social conscientemente adotada e destinada a reduzir a quantidade de tempo de trabalho realizado pelos membros da sociedade, de acordo com as necessidades reais e os objetivos produtivos da força de trabalho disponível.

Assim, os interesses ideológicos que Keynes defende sem hesitação aprisionam numa posição sem esperança até aqueles

15. *ib.*, p. 373.

16. *ib.*

"dentistas" econômicos tecnicamente mais competentes. Pois, dados os pressupostos necessários de seu ponto de vista social - pressupostos que surgem do objetivo conscientemente adotado de defender os direitos adquiridos da "burguesia educada" - Keynes fica impedido de perceber o óbvio. Ou seja, apesar das garantias de seu sermão econômico consolador, nem daqui a mil anos conseguiremos chegar mais perto da prometida luz no fim do túnel, pela simples razão de que estamos caminhando na direção *oposta*, buscando o *lucro* sob o pretexto da "utilidade" e destruindo com temerária "eficiência técnica" os mais preciosos recursos humanos e materiais, ao conferir à cega "máquina econômica" do capital a tarefa de solucionar o "problema econômico da humanidade".

1.1.4.

Fica claro, portanto, que o poder da ideologia não está sendo superestimado. Ele afeta tanto os que desejam negar sua existência quanto aqueles que reconhecem abertamente os interesses e os valores intrínsecos das várias ideologias. É absolutamente inútil pretender outra situação. A crença na possibilidade de se livrar da ideologia no mundo contemporâneo - ou mesmo no futuro previsível - não é mais realista que a idéia do "valoroso companheiro" de Marx, que pensava que os homens se afogavam por estarem imbuídos da *idéia de gravidade*. No entanto, temos testemunhado muitas tentativas, mesmo no passado muito recente, que seguiram o mesmo caminho deste "valoroso companheiro" idealista, postulando que a ideologia não é mais que uma idéia supersticiosa, religiosa: mera "ilusão", a ser permanentemente dissipada pelas boas obras da "objetividade científica" e pela aceitação dos procedimentos intelectuais "axiologicamente neutros".

Na verdade, porém, a ideologia não é ilusão nem superstição religiosa de indivíduos mal-orientados, mas uma forma específica de consciência social, materialmente ancorada e sustentada. Como tal, é insuperável nas *sociedades de classe*. Sua persistência obstinada se deve ao fato de ela se constituir objetivamente (e reconstituir-se constantemente) como *consciência prática inevitável das sociedades de classe*, relacionada com a articulação de conjuntos de valores e estratégias rivais que visam ao controle do metabolismo social sob todos os seus principais aspectos. Os interesses sociais que se revelam ao longo da história e se *entrelaçam de modo conflituoso* manifestam-se, no plano da consciência social, na grande diversidade

de discursos ideológicos relativamente *autônomos* (mas de forma nenhuma *independentes*), que exercem forte influência mesmo sobre os processos materiais mais tangíveis do metabolismo social.

Uma vez que as sociedades em questão são elas próprias internamente divididas, as ideologias mais importantes devem definir suas respectivas posições, de um lado, como *"totalizadoras"* em suas explicações e, de outro, como *alternativas* estratégicas umas às outras. Assim, as ideologias conflitantes de qualquer período histórico constituem a consciência prática necessária através da qual as principais classes da sociedade se relacionam e até, de certa forma, se confrontam abertamente, articulando sua visão da ordem social correta e apropriada como um todo abrangente.

É compreensível que o conflito mais fundamental na arena social diga respeito à própria estrutura social que proporciona o quadro regulador das práticas produtivas e distributivas de qualquer sociedade específica. Exatamente por ser tão fundamental é que esse conflito não pode ser simplesmente deixado à mercê do mecanismo cego de colisões inadmissivelmente dissipadoras e potencialmente letais. Na realidade, quanto menor for tal controle, maior será o risco de se realizarem as calamidades implícitas no crescente poder de destruição à disposição dos antagonistas.

Esse conflito tampouco pode ser resolvido no domínio legislativo da "razão teórica" isolada, independentemente do nome da moda que lhe seja dado. É por isso que o conflito estrutural mais importante - cujo objeto é manter ou, ao contrário, negar o modo dominante de controle sobre o metabolismo social, dentro dos limites das relações de produção estabelecidas - encontra suas manifestações *necessárias* nas "formas ideológicas [*orientadas para a prática*] em que os homens se tornam *conscientes* desse conflito e o resolvem através da luta"¹⁷.

Nesse sentido, o que determina a natureza da ideologia, acima de qualquer consideração, é o imperativo de se tornar *praticamente consciente* do conflito social fundamental - a partir dos pontos de vista mutuamente excludentes das alternativas hegemônicas que se defrontam em determinada ordem social - com o propósito de *resolvê-lo através da luta*. Em outras palavras, as várias formas ideológicas de consciência social acarretam (mesmo se em graus variáveis, direta ou indiretamente) diversas implicações práticas de longo alcance em todas as suas variedades, na arte e na literatura, bem como na filosofia e na teoria social, independentemente de estarem vinculadas a posições sociopolíticas progressistas ou conservadoras.

17. MARX, Prefácio a *A Contribution to the Critique of Political Economy*.

1.1.5.

É esta orientação prática que define também o tipo de racionalidade apropriado ao discurso ideológico, cujos interesses não devem se articular como proposições teóricas abstratas das quais nada surgirá a não ser outras proposições teóricas abstratas da mesma espécie, mas, pelo contrário, devem se articular como indicadores práticos bem fundamentados e estímulos efetivamente mobilizadores, direcionados às ações socialmente viáveis dos sujeitos coletivos reais (e não de "tipos ideais" artificialmente construídos).

Além disso, sob as condições da sociedade de classes, os interesses sociais representados e conceituados pelas ideologias rivais não só estão enredados de forma conflitante (o que é um fato), mas também enredados de tal forma que problemas *parciais* ficam profundamente afetados por sua posição no interior da dinâmica *global* do conflito hegemônico vigente. Por conseguinte, o que poderia parecer racional (ou o contrário) nos limites de um determinado problema parcial pode muito bem vir a ser o exato oposto quando inserido em seu contexto mais amplo, de acordo com a margem de ação historicamente mutável dos principais agentes sociais.

Assim, a questão da racionalidade ideológica é inseparável do reconhecimento das limitações objetivas dentro das quais se formulam as estratégias alternativas a favor ou contra a reprodução de uma determinada ordem social.

Não é uma questão de conformidade ou não conformidade a algum conjunto predeterminado de normas lógicas, por conta das quais certos pensadores devem ser louvados ou criticados, conforme o caso. Mais exatamente, trata-se de compreender como as características estruturais fundamentais de uma determinada ordem social se fazem valer na escala pertinente e circunscrevem os modos alternativos de conceituação de todos os problemas práticos mais importantes. As determinações estruturais em questão conferem pontos de vista significativamente diferentes aos sujeitos sociais rivais, de acordo com suas respectivas posições em relação aos instrumentos disponíveis de controle social. A avaliação destes, por sua vez, é sujeita à importante questão de saber por quanto tempo poderá se conservar sua viabilidade socioeconômica e político-cultural, em função da dinâmica irreprimível do desenvolvimento histórico global.

É a combinação das duas coisas - o ponto de vista adotado, em sua postura de afirmação-sustentação ou de crítica-negação em face da rede instrumental-institucional dominante de controle social, e a eficácia e legitimidade historicamente mutáveis dos próprios instrumentos disponíveis - que define a racionalidade prática das ideologias em relação à sua época e,

no interior dela, em relação às fases ascendentes ou declinantes do desenvolvimento das forças sociais cujos interesses sustentam.

1.1.6.

Em conseqüência de tais determinações inerentemente práticas (que podem ser identificadas com clareza em uma escala temporal e social abrangente), as principais ideologias levam a marca importantíssima da *formação social* cujas práticas produtivas dominantes (como, por exemplo, o horizonte de valores da empresa privada capitalista) elas adotam como quadro final de referência. A questão da "falsa consciência" - que é freqüentemente apresentada de modo parcial, a fim de favorecer aqueles que a alimentam - é um *momento subordinado* dessa consciência prática determinada pela época. Como tal, está sujeita a uma multiplicidade de condições especificadoras que devem ser avaliadas concretamente em seu próprio cenário.

As ideologias são determinadas pela época de duas maneiras.

Primeiro, na medida em que a orientação *conflitante* das várias formas de consciência social prática constitui a característica mais proeminente dessas formas de consciência enquanto as sociedades forem divididas em classes. Em outras palavras, a consciência social prática de todas essas sociedades não pode deixar de ser ideológica - isto é, idêntica à ideologia - em decorrência do caráter insuperavelmente antagônico de suas estruturas sociais. (A realidade dessa orientação conflitante da ideologia, que é estruturalmente determinada, não é absolutamente eliminada pelo discurso pacificador da ideologia dominante. Pois esta última deve apelar para a "unidade" e para a "moderação" - a partir do ponto de vista das relações de poder estabelecidas, e no interesse dessas mesmas relações - precisamente para legitimar suas reivindicações hegemônicas em nome do "interesse comum" da sociedade como um todo.)

E, *segundo*, na medida em que o *caráter específico* do conflito social fundamental, que deixa sua marca indelével nas ideologias conflitantes em diferentes períodos históricos, surge do caráter historicamente mutável - e não a curto prazo - das práticas produtivas e distributivas da sociedade e da necessidade correspondente de se questionar a continuidade da imposição das relações socioeconômicas e político-culturais que, anteriormente viáveis, tornam-se cada vez menos eficazes no

decorrer do desenvolvimento histórico. Desse modo, os limites de tal questionamento são fixados *pela época*, colocando em primeiro plano novas formas de desafio ideológico intimamente ligadas ao surgimento de meios mais avançados de satisfação das exigências fundamentais do metabolismo social.

Sem se reconhecer a *consciência social prática das sociedades de classe* como a determinação de época das ideologias, sua estrutura interna permanece completamente ininteligível.

Contudo, devemos estabelecer a diferença entre três posições ideológicas fundamentalmente distintas, com sérias implicações para os tipos de conhecimento compatíveis com cada uma delas.

A primeira apóia a ordem estabelecida com uma atitude acrítica, adotando e exaltando a forma vigente do sistema dominante - por mais que seja problemático e repleto de contradições - como o *horizonte absoluto* da vida social em si.

A segunda, exemplificada por pensadores radicais como Rousseau, revela com certo êxito as irracionalidades da *forma específica* da sociedade de classes anacrônica que ela rejeita a partir de um novo ponto de vista. Mas sua crítica é viciada pelas contradições de sua própria posição social - igualmente sujeita às determinações de classe, ainda que historicamente mais evoluída.

E a terceira, contrapondo-se às duas anteriores, questiona a viabilidade histórica da própria sociedade de classes, propondo, como objetivo de sua intervenção prática consciente, a superação de todas as formas de antagonismo de classe.

Naturalmente, na história do pensamento, desde os tempos mais remotos até o presente, mesmo as formas mais positivas de tomada de consciência do conflito social fundamental não deixaram de ser afetadas pelas limitações estruturais do confronto de classes. Só o terceiro tipo de ideologia pode tentar superar as limitações associadas à produção do conhecimento prático no interior da consciência social dividida, sob as condições da sociedade dividida em classes.

A esse respeito, é importante lembrar a visão marxiana de que, na atual conjuntura do desenvolvimento histórico, a questão da "transcendência" deve ser formulada em termos da necessidade de se ir *além da sociedade de classes como tal*, e não apenas além de um *determinado tipo* de sociedade de classes em favor de um outro. Essa proposição, porém, não significa que se possa escapar da necessidade de articular a consciência social - orientada para o objetivo estratégico de remodelar a sociedade de acordo com as potencialidades produtivas reprimidas de um agente coletivo identificável - como uma *ideologia* coerente e vigorosa. A questão prática pertinente permanece a mesma, ou seja, como "resolver através da luta" o conflito fundamental relativo ao direito estrutural de controlar o metabolismo social como um todo.

Assim, imaginar que a teoria socialista poderia ser "ideologicamente neutra" e pretender que ela definisse sua posição nesses termos - o que só é viável no terreno limitado do "discurso teórico" vazio - é, na realidade, uma estratégia auto-desarmante, uma estratégia que só pode beneficiar o adversário, que tem profundo interesse em apresentar sua própria posição como genuinamente "consensual", "objetiva", "científica" e completamente "isenta de viés ideológico". A questão não é opor a ciência à ideologia numa dicotomia positivista, mas estabelecer sua unidade praticamente viável a partir do novo ponto de vista histórico do projeto socialista.

1.2. DA "MODERNIDADE" À "CRISE DA PÓS-MODERNIDADE"

1.2.1.

O quadro categorial das discussões teóricas não pode ser determinado por escolhas arbitrárias, embora a arbitrariedade se manifeste com freqüência nas mutáveis proposições das tendências ideológico-intelectuais dominantes. No entanto, observando-se mais de perto as autodefinições de tais tendências, via de regra elas revelam um padrão e uma objetividade característicos, embora não sejam isentas de problemas. Contrastando com o grau relativamente alto de objetividade das próprias tendências, a excentricidade e a arbitrariedade podem predominar nas opções individuais dos intelectuais que acolhem a orientação ideológica dominante de um dado período, bandeando-se, por exemplo, sem uma motivação muito profunda, para o grupo dos partidários da "modernidade". Mas este fenômeno deve ser distinguido da constituição do próprio grupo original de partidários.

Para explicar por que alguns indivíduos prontamente se identificam com uma orientação ideológico-intelectual dominante, não é necessária mais motivação objetiva do que, por exemplo, o modo como as pessoas em questão percebem sua própria situação e papel no foro acadêmico da época; ou em relação à divulgação altamente tendenciosa do que os meios de comunicação poderiam chamar de "importantes debates culturais internacionais"; ou em face dos padrões mutáveis de propriedade - concentração do capital no campo da produção cultural - que determinam a situação do setor editorial etc. Em certo sentido, é "axiomático" que através de tais motivações pessoais (mais ou menos acidentais) as tendências ideológico-in-